

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 — LISBOA

E' já na próxima segunda-feira, 21, que é feita a primeira apresentação da Orquestra Filarmónica de Lisboa com a Sociedade Coral de Duarte Lobo, sob a direcção do ilustre maestro Dr. Ivo Cruz, realizando-se nessa noite um grandioso concêrto coral e sinfónico, no Coliseu dos Recreios. Na execução tomam parte 260 figuras, constituindo assim o maior conjunto até hoje verificado no nosso país em espectáculos deste género.

Faz parte do programa a obra maravilhosa de Mozart, o célebre «Requiem» e «Dansas guerreiras do príncipe Igor», de Borodine.

Termina este brilhante concêrto com a execução da «7.ª sinfonia», de Beethoven.

Solistas: Ans Biermann, Maria Luisa Lisboa, Rui Guedes e Sebastião Cardoso.

O concêrto não será retransmitido pela T. S. F., sendo os preços populares.

SEGUNDO o parecer da Procuradoria Geral da República, respeitante aos transportes colectivos, compromete gravemente a existência das cooperativas ultimamente fundadas.

Desaparecerão portanto as cooperativas de transportes, infelizmente, continuando assim a Carris a fazer tudo que lhe aprouver em matéria de transportes, o que lamentamos.

AFIM de se sujeitar a tratamento, encontra-se internado no Hospital Militar da Estrela, o nosso querido amigo e estimado colaborador Viriato Pedro Antunes da Silva.

Todos que neste jornal trabalham, fazem ardentes votos pelo rápido restabelecimento do seu dedicado amigo.

NO Ajuda-Clube, e abrilhantado pela magnífica troupe jazz daquela colectividade, realiza-se amanhã um baile, que deve revestir-se de grande brilhantismo, e para o qual estão reservadas várias surpresas.

OUTRO MELHORAMENTO QUE SE IMPÕE

O nosso prezado amigo e ilustre colaborador dêste quinzenário, Ex.^{mo} Sr. Mário de Sampaio Ribeiro, ao terminar a sua interessante conferência ao ar livre, efectuada por iniciativa do Pelouro Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, no Largo da Ajuda, na tarde de 10 de Novembro de 1935, sobre a história do «Sítio de Nossa Senhora da Ajuda», dirigiu-se aos representantes do Município, nos seguintes termos, que nunca é demais repetir:

«Consenti, porém, dignísimos vereadores, que feche minha desataviada arenga apresentando um alvitre e dirigindo-vos um apêlo.

O século passado para em tudo ser de bota-abaxo até desviou Lisboa do eixo natural da sua expansão.

O século passado para em tudo ser destruidor até conseguiu que Lisboa voltasse costas ao Tejo, a êsse rio magnífico cujo estuário foi sua razão de ser e tornou possível que devesse um dia o maior empório do mundo.

Actualmente o Tejo não se avista de Lisboa e só de raros pontos, e passageiramente, se vê de longe.

Apenas em Santa Luzia — obra recente — lhe podemos estar sobranceiros, mas aí não tem o rio tradições de qualquer espécie.

Pois aqui bem perto, aqui mesmo ao lado onde se debruçam em arriscados equilíbrios uns quantos pinheiros desajeitados e meio-apodrecidos, disfruta-se panorama surpreendente sobre a bacia e a barra do Tejo, desde para lá das alturas de Santo Amaro até a filipina torre da Cabeça Sêca (*Bugio*).

Em baixo, o mosteiro do Jerónimos — embora sacrilégamente mutilado e desfigurado pelo mau gosto e pela irreverência da segunda metade do século XIX — e a maravilhosa torre de S. Vicente autenticam passado de glória.

Em tardes antoniças, quando d'além se vê reverberar a água do magestoso rio e as nuvens se acastelam no horizonte tomando configurações fantásticas, parece que, em visão que empolga, se enxergam ainda as caravelas e as náus de antanho que vão — de velas pandas e sangrantes da cruz de Cristo — sulcando as águas para a espinhosa e admirável faina de «dar novos mundos ao mundo», para a sacrossanta e formosíssima missão de «dilatir a Fé e o Império».

De nenhuma outra parte é possível a evocação.

Por certo já haveis entrevisto em que consiste meu alvitre.

E' que trabalheis para que além se faça um miradoiro, que seria o mais lindo ponto de vista da cidade e o mais português de todos êles.

O apêlo é — creio-o — fácil de entender e muito simples.

DOS srs. Octavio Rodrigues de Oliveira e Pedro Alvares da Silva, recebemos uma amável carta, agradecendo as palavras que no penúltimo número dêste quinzenário, dedicámos a seu falecido pai e sogro, o saudoso Dr. Eugenio Rodrigues de Oliveira.

Nada tinham que nos agradecer, porque tudo o que dissemos em louvor do Dr. Oliveira, não era nada, comparado com o muito que podíamos dizer em homenagem à sua memória.

FOI sujeito a uma melindrosa operação cirúrgica, o nosso prezado amigo e brilhante colaborador, Sr. Luiz Ferreira Baptista, por cujo restabelecimento fazemos sinceros votos.

EFFECTUA-SE hoje pelas 16 horas a festa anual das escolas da Sociedade «A Voz do Operário».

Faz parte do programa a concentração de 4.000 alunos das suas 40 escolas, na esplanada do edificio, demonstrações de educação física por uma escola de 250 alunos e a exhibição de um grande orfeão que, a duas vezes, executarão um escolhido e excelente programa.

Apoz terem assistido a uma sessão de cinema de carácter educativo e de recreio, os alunos farão na esplanada uma festa com divertimentos e jogos infantis, e que será abrihantada por uma magnífica banda de música.

DO nosso prezado amigo e tinto autor teatral, Sr. Artur Horta, recebemos a oferta de 4 peças de teatro, que ultimamente escreveu e estão destinadas a grande successo.

Os nossos maiores agradecimentos.

QUANDO do descarrilamento do carro eléctrico na passada terça-feira, ficou bastante ferido o nosso velho amigo Sr. Humberto Barcinio Pinto, a quem desejamos sinceramente restabelecimento rápido.

(Continua na página 8)

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE 81207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h.

Serviço nocturno às quintas-feiras

Calçada da Ajuda 222 - LISBOA - Telef. 81456

O livro de Mario Barros
"Sinfonia incompleta"

Mario Barros, jornalista, crítico de teatro e de cinema, novelista de prodigiosa fecundidade, a quem o labor absorvente da imprensa diária não atrofiou a sensibilidade espiritual, nem amarrou à vertigem das rotativas a fértil imaginação, deu à publicidade o seu terceiro livro — Sinfonia incompleta — que teve, como os precedentes, o merecido êxito de livraria — na frase consagrada para assinalar, esgotado o primeiro milhar da edição, o triunfo apoteótico duma publicação literária.

Romântica novela de amor, formando com «Uma mulher» e «Sempre noiva» um triptico sentimental, onde o eterno feminino se tonaliza em colorações variadas, na pintura do velho tema sempre novo, «Sinfonia Incompleta» é precioso feixe de cartas onde Maria Luiza deixou escritas páginas de sinceridade, reveladoras do conflito subjectivo em que se debatem, no campo da sua vibratibilidade amorosa, a pureza castiça do sentimento e o despotismo carnal do desejo, objectivados em dois homens diferentes — a um consagrando a imaculada ternura da sua alma ansiosa de afecto, entregando a outro o seu corpo abrasado em labaredas de sensualismo.

E assim, a loucura dos sentidos atirando-a doidamente, numa inconsciência mecânica, para os braços do sátiro que soube despertar-lhe sensações puramente fisiológicas, ao mesmo tempo que ama com enternecida paixão o poeta cuja alma sonhadora é o enlêvo da sua, e na presença de quem a intimidam pudores de virgem — esta dualidade paradoxal em que o instinto alucinado por desvairos de temperamento, e o amor isento de pecado, na pureza da sua essência, se entrecam na violência de ardoroso pleito, é a tortura constante da sua vida insatisfeita, à qual nenhum dos contendores basta a satisfazer a revolta ansiedade; constitui o motivo da sinfonia incompleta vibrando nas cordas da sua sensibilidade em ritmos elogiosos de sofrimento.

Através das quarentas cartas de Maria Luisa, eloquentes e persuasivas na sua despretençiosa singeleza, cada uma delas produto de um mórbido estado de alma, sente-se palpitar o

inquietação do coração da mulher amante, a quem um casamento falhado aniquilou, de chofre, as primeiras ilusões, e que, por hipnose da fatalidade, resvalou, desamparada, em tormentos precipício de amarguras. Nas páginas traçadas ao sabor das flutuações do seu desnortado espírito, nitidamente se desenha a curva irregular da evolução psíquica, tal como no barógrafo a agulha sensível vai registando na quadrícula as variações da pressão atmosférica.

Dir-se-ia que Mario Barros foi desencantar aquelas cartas no secreto escaninho em que as guardara o protagonista do drama íntimo e as trouxe, indiscretamente, à publicidade, como reporter consciencioso da sensibilidade feminina — tão natural e humana é a expressão literária do seu estilo, elogiosamente sancionada pela autoridade filológica do venerando purista da linguagem, que é o dr. Ricardo Jorge.

«Sinfonia incompleta» é, pois, comovedora leitura de prosa fluente e sã. E o novo livro de Mario Barros, confirmando o poder de análise, a agilidade expressiva, a vibrátil sensibilidade dum espírito lúcido, em plena maturação, tem justo lugar nas estantes dos bibliófilos, como em távolas elegantes de toucadores femininos.

Cardoso dos Santos.

Moveis, Estofos
e Decorações

Não basta adquirir mobília,

é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento
para toda a Província

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE 81237

LISBOA

Este número foi visado
pela Comissão de Censura**AZULEJOS**

De MARQUES GASTÃO

Crer é o símbolo mais perfeito da luz e da verdade.

O fanatismo em todos os aspectos da vida é corrosivo veneno, cujo antidoto é a morte!

Se te preguntarem e não responderes caminhas para um abismo: a ignorância!

Se não respondes por não querer abraças-te a um monstro horrível: o orgulho!

Se respondes e mentes na resposta adormecerás à sombra da árvore do mal!

Responde e pergunta: Ilumina-te e ilumina!

Chorar é derramar sobre o coração, ora bálsamos purificadores, ora venenos destruidores!

Cristo disse: «amai-vos uns aos outros». Se êle voltasse já não diria tão admiravel mandamento; substituiu-a por êste: «odiai-vos uns aos outros!». Só assim a Humanidade entraria na senda do Bem!

A ironia é a filha dilecta da má vontade e do desleixo!

«Levanta-te e caminha!», disse Cristo. Eu digo: Escreve e arrojate à gloria que te espera, sonolento!

«Homem, porque tens tão pouca fé?» — perguntou Cristo. Eu exorto: Homem, não vaciles! Homem, não adormeças!

A vida por muito má e cruel que seja; a vida por muitas desilusões que te ofereça; a vida por muitas amizades falsas que te oferte há-de, eu creio, dar-te algo de melhor e superior, se acaso tiveres talento: a glória!

Buscarás sómente um fim material? Oh! se assim é, desiste! a vida hoje só oferece a glória aos míseros e desprotegidos! Vá! Não vaciles!

Um dia tropecei e caí. Porém, levantei-me! Cá estou firme e resolutos a enfrentar a vida! os homens são cruéis e invejosos mas Cristo ampara-me com os bordões das suas parábolas!

PALATINO

Rua Filinto Elísio
(Alto de Santo Amaro)
TELEFONE 81099

Espectáculos todos os dias
Matinéas aos domingos e feriados

O melhor, o mais amplo e o mais confortável cinema da parte ocidental da cidade

O Publico é quem manda. E o Palatino continua mantendo os seus espectáculos diários

Sábado 19 e Domingo 20, às 21 horas — Domingo, matinée às 15 horas: As excelentes super-produções

REMBRANDT — A LOIRA CARMEN

Dia 21: *Cavaleiros de capa e espada e A patrulha perdida.*

Dia 22: *Alta escola e A valsa do adeus*

Dias 23 e 24: *Fidalgo amador e Romance dum violino.*

Dias 25 a 27: *Fúria negra e Orgia dourada.*

Dias 28 e 29: *Bela sem senão e O capitão Blood.*

Dia 30: *Acusação e Sangue na guelra.*

Dias 1 e 2 de Julho: *Vivendo na lua e A hiena aa 5.ª Avenida.*

Dias 3 e 4: *Xangai e Rumba.*

Dia 5: *Não me esqueças e Aventureiro de Florença.*

A SEGUIR: O homem que podia fazer milagres, Canção do sol, Rocambolê, A sombra misteriosa, Uma vez no Carnaval, Luzes da China, A filha do bosque maldito (filme colorido, com Silvia Sydney), etc.

DESPORTOS

Desporto feminino — O campeonato de Portugal

As jogadoras do Feminino A. C. em Lisboa

A convite do Clube de Football «Os Belenenses» deslocou-se a Lisboa o Feminino A. C. do Pôrto a fim de realizar algumas exhibições. O programa comportava dois festivais, um que se realizou no sábado último nas Amoreiras e o segundo nas Salésias, no domingo.

No sábado jogaram as *équipes* femininas de *hockey* em campo do Internacional contra Carcavelos, tendo triunfado o Internacional por 3-2, e do Feminino contra Belenenses.

Este encontro foi seguido com bastante interesse pela assistência numerosa. As portuenses tiveram vantagem acentuada, com algumas combinações perfeitas e técnica agradável de ver, e terminaram a primeira parte a ganhar por 4-0.

Na segunda parte e apesar dos esforços das jogadoras de Belém, as portuenses marcaram ainda por duas vezes, elevando assim o resultado para 6-0.

No domingo realizou-se em primeiro lugar um jogo de *basket-ball* entre o Recreativo dos Olivais e um misto de jogadoras do Belenenses, Bemfica e Feminino. Triunfou o Recreativo por 10-3.

Realizou-se a seguir o jogo de *basket-ball* entre o Belenenses e o Feminino. As jogadoras azuis foram, em todo o encontro, superiores e terminaram em vencedoras por 11-2 (ao intervalo 6-1). Entre elas é justo destacar a belenense Albertina Pinto,

marcadora de 8 pontos e a melhor jogadora em campo.

Alinharam pelo Belenenses: Julieta Santos, Maria Lourdes Simões, Albertina Pinto, Isaura Duran e Maria Júlia da Silva.

Realizaram-se por último duas provas entre atletas do Belenenses e do Feminino, tendo triunfado nos 50 metros a belenense Júlia Silva, e na estafeta 3x50 metros Perpétua Pinto, Isaura Martins e Lucília Silva, também do Belenenses.

Estes festivais, que atraíram regular concorrência, reverteram em boa propaganda do desporto feminino e é só de lastimar que nem todos os clubes o acarinhem e o desenvolvam nas suas fileiras. Pela obra já feita e também pela organização destes festivais, merece o C. F. «Os Belenenses» as nossas felicitações e as de todos os verdadeiros desportistas.

Quartos de final e meias finais do campeonato de Portugal

Os nossos prognósticos efectivaram-se — habilidade nada para louvar se atendermos à categoria dos contendores na segunda mão dos quartos de final e aos resultados que eles haviam conseguido na primeira mão.

Realce justo merece o resultado «catastrófico» que o Vitória registou em Belém. Nada menos de 10 a 0! Como lógica vingança do desaire que os belenenses sofreram em Setúbal não se podia exigir melhor nem mais completo...

É mais ainda para realçar deve ser o facto de tal resultado ter sido con-

seguido à base de jogo, de combinação, de *foot-ball* emfim.

Como já lemos algures, a exhibição do Belenenses foi essencialmente «sã»! Rejubilem com isto os afeiçoados do popular clube de Belém, porque tal circunstância é de molde a permitir-lhes e a animar-lhes legítimas esperanças em relação ao título máximo no *foot-ball* português.

Quanto ao Bemfica, verificou-se a confirmação do primeiro resultado contra o Marítimo, desta vez porém com resultado mais expressivo: 3-0. Como anteriormente, os «vermelhos» mereceram bem o *score* registado e passaram às meias finais com mérito.

O Sporting, para não ficar atrás, bateu segunda vez o Carcavelinhos, desta feita por 3-1.

Bemfica e Sporting jogaram no domingo último a primeira mão da meia final, tendo triunfado o Bemfica por 3-2. Depois de ter conseguido a marca de 3-0, o Bemfica desorganizou-se e consentiu dois tentos ao adversário. No entanto, é justo que se diga que os leões mereceram marcar, se não pela qualidade de *foot-ball* posta em prática (neste capítulo o Bemfica foi-lhe superior, embora sem brilhantismo) pelo menos pelo número de ocasiões de *goal* criadas ante a baliza adversária. Logo, resultado para contentar uns e outros...

O Boavista, do Pôrto, depois de ter eliminado a Académica de Coimbra, foi batido pelo F. C. do Pôrto por 5-2 e 6-1.

Amanhã joga no Estádio José Manuel Soares o Belenenses contra F. C. do Pôrto. A segunda mão é disputada no Pôrto, no domingo seguinte. Bemfica e Sporting descansarão amanhã e jogarão no domingo 26 no Campo Grande.

Lívio Ventura.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81552 (antiga Merceria Malheiros)
que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Até menos a título de curiosidade fazel uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

O ETERNO SONHO

Mercê das comoções que nos ferem, ou das variadíssimas circunstâncias em que na vida nos encontramos, o nosso espirito inclina-se para a alegria ou para a tristeza, para a ternura ou para a indiferença, para a inércia ou para a meditação.

Factos que poderiam causar nos viva impressão passam quasi despercebidos, sem que lhe ligemos a importância merecida, ao passo que acontecimentos vulgares, cousas que se nos afiguram insignificantes e banais, prendem a nossa atenção e arrastam-nos a cogitações demoradas e profundas.

Foi o que me succedeu há poucos dias diante duma pequena gaiola, onde não impiedosa de criança conserva encerrado um pobre grilo, só pelo prazer de ouvir-lhe os ligeiros trinados.

Ao ver a incoitada fúria com que o animalzinho acometia os fatais arames, ao admirar como incessantemente os mordida na ansia certamente de voltar á sua antiga liberdade, ou pensava se não seria rematada loucura o desejo de abandonar aquela gaiola pintalgada de cores vivas, onde elle podia viver confortavelmente, ao abrigo das intempéries, sem preocupações nem receios, e tendo sempre fresca e ao alcance a folha de alface que a dona a miúdo lhe renovava.

Pois quê? Se tinha ali perto alguém que, sem mais exigir, lhe apreciava os seus dotes de cantar, para que fugir? para que ir lançar ao vento os trinados produzidos pelas suas pequenas asas, arrastando-se por entre as ervas, em contacto com a terra humida e fria, à mercê de mil eventualidades perigosas, e talvez na incerteza de encontrar todos os dias, a seu gosto, o alimento que tinha agora assegurado?

Oh! a liberdade!... Aspiração suprema de todos os seres, desde o mais infimo ao de maior corpulência, desde o mais rude ao mais inteligente!

O esforço constante daquele animal tão pequenino trouxe-me ao pensamento as lutas cruentas em que a humanidade há séculos se debate para a conquista desse bem que vislumbra, e vê sempre longe, como longe ouviam os nautas da lenda o canto sedutor das sereias, das quais nunca conseguiam aproximar-se.

Mas será realizável essa dominadora aspiração?... Sendo o mundo considerado como uma grande máquina, e correspondendo cada individuo

a uma peça da famosa engrenagem — onde se entende que possa começar, e onde deverá acabar a independência da vontade e dos actos desses individuos?...

Se os vários componentes do admirável maquinismo perderem a coesão e o ajustamento perfeito, começando a mover-se a seu belo prazer, numa independência que destrua a indispensável harmonia ao andamento certo, uniforme, regular, não terá isso como consequência fatal um desequilíbrio de funestos resultados?

Existe em todos os seres a aspiração pela independência, e, contudo, nenhum pode furtar-se ao domínio das leis naturais que impõem regras e preceitos, cuja transgressão pode levar até ao aniquilamento da própria vida. Além disso, todos os viventes, mais ou menos, pertencem à classe dos infinitamente pequenos e obscuros, ou à daqueles que se notabilizam pela fereza dos instintos ou pelo desenvolvimento do cérebro, todos, sem excepção, se tem encontrado sempre sob o jugo das leis que a força, a destreza ou a inteligência põem em prática contra os que estão em plano inferior. Os grandes nutrem-se dos mais pequenos, a habilidade e o saber dominam os fracos e os ignorantes. Não haveria domadores se as feras zoubessem medir o grau das suas forças.

E, neste divagar do pensamento, o rito alheou-se de tudo que me cercava, o corpo quebrantou-se, e, de olhar fixo num ponto indefinido, ali fiquei imóvel, entorpecido, ao passo que as ideias se sucediam num tumultuar semelhante ao de um sonho agitado. E julguei então ver que diante de mim se erguia a figura gigantesca de uma mulher extremamente encantadora, os longos cabelos sobrepujados por diadema onde fulgiam astros, e pendendo-lhe dos largos ombros um manto bordado de flores as mais formosas e variadas. A contrastar, porém, com a peregrina beleza e a opu-

lência dos adornos, franzia-lhe os lábios um sorriso de ironia pungente e acerada.

— Não sabes quem sou? — perguntou-me. — Sou a Natureza, mãe e senhora de tudo quanto existe. Nada há que não esteja subordinado às minhas leis e determinações. De mim provém a vida, e os viventes não passam de pobres loucos pensando em liberdade e independência, quando afinal não conseguirão jamais subtrair-se ao meu inquebrantável domínio. Vê tu como os próprios homens, áqueles a quem concedo maiores privilégios e mais alta categoria, vê como elles são gerados em estreita e escura cela, e como ali se conservam em rigorosa clausura e sujeitos, ainda para mais, ás eventualidades exteriores que por vezes os deformam, se não lhe cortam o ténue fio da vida incipiente. A reclusão só termina quando me apressa; mas no momento em que por minha determinação elles deixam o cárcere para virem respirar em livre ambiente, há-de vê-los chorar: ou porque nesse tránsito há dificuldades a dolorir-lhe o corpo frágil, ou porque a própria luz e o ar, a que não estavam habituados, os faz sofrer. Durante muito tempo os conservo na dependência absoluta de quem os nutre, os trate, os inicie nos mais rudimentares movimentos da vida. São entes sem consciência nem vontade própria, que eu em grande número faço tombar para que vão na

(Continua na página 7)

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPELARIA
com saques de

Tabacaria

Periferia
livraria

Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF 81757



3\$00

é o preço que a

Gráfica Ajudense Ltd.

vende a caixa de optim papel para cart com 50 folhas e 5 envelopes, forrados interiormente

Verdadeira e chinchal

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Para os meninos (e meninas) que souberem lêr

Por ALEXANDRE SETTAS

(Continuado do número anterior)
E esse tal papel que reproduzimos, para interesse dos nossos leitorzinhos, dizia o seguinte:

PAULO E VIRGINIA

Estas duas personagens occupam um considerável lugar na história da literatura francesa, não sómente por causa do enorme successo com que foi acolhida em 1788, a quando da publicação da magistral obra de Bernardin de Saint-Pierre, como também pela novidade das suas características fundamentais que fizeram de tal livro o precursor dos heróis românticos.

Paulo e Virginia, obra que justamente alcançou formidável renome, tinha sido lida pelo autor quando ainda em manuscrito, diante de uma assembleia escolhida, no salão de Madame de Necker. Mas esse núcleo de ouvintes tinha logo de entrada, ao escutar a leitura dos primeiros capítulos, manifestado o seu mais evidente aborrecimento.

(Nesta altura do resumo escrito por Miloeas e que estamos a transcrever, dos seus apontamentos, lia-se a seguinte nota: «Por estas razões bem faz o meu tio Xanda em não ler a ninguém os versos que vai fazendo. Publica-os nos jornais, ou onde calha, recebe por elles o que lhe pagam mas não fica com o desgosto de ver as outras pessoas a darem mostras de

aborrecidas pela leitura que deles fazem).

Dos circunstantes do salão de Madame de Necker se alguns bocejavam disfarçadamente, outros conversavam animados e distraídos do motivo da reunião e ainda outros mais comodistas ou menos correctos haviam até adormecido impolidamente, embalados pela leitura dos trechos ou períodos que iam ouvindo.

E não se julgue que eram essas pessoas individuos de fraca posição social; por exemplo, Buffon que também lá se encontrava, reclamou em voz alta a sua carruagem, para se ir embora, interrompendo o leitor.

Depois d'este deplorável fracasso, Bernardin de Saint-Pierre desesperado dispunha-se a lançar a sua obra ao fogo, quando o pintor Vernet isso lhe impediu afirmando convictamente que esse excesso representaria um crime, o de privar a posteridade duma obra tão importante como era a sua.

As figuras Paulo e Virginia appareceram na sociedade espiritual e céptica do século XVIII, como duas crianças, muito puras e radiando a mais terna e sã melancolia. Tinham elas a simplicidade da natureza e evoluíram nas paisagens dos trópicos, locais novos para comparar com as paisagens francesas. E o encanto de tais descrições operou, como já se havia operado por certas páginas de Jean Jacques Rousseau, o que se pode chamar a modificação da sensibilidade espiritual dos seus contemporaneos.

No singelo romance *Paulo e Virginia* Bernardin de Saint-Pierre pinta a vida ingénua de duas pobres mulheres, exiladas na afastada Ilha de França e que não possuíam outros bens no mundo além dos seus respectivos filhos: Paulo e Virginia.

Tinham elas duas criadas e um amigo, velho ancião que habitava na montanha vizinha. Viviam essas sau-

tas criaturas junto dos rochedos, em cabanas que por suas próprias mãos haviam construido e cercadas por fracas culturas que bem mal lhes davam para viver.

Paulo e Virginia amaram-se com um amor profundo mas imensamente puro. As suas existências eram rústicas, sem mácula e affectivas.

Chateaubriand, sobre quem Bernardin de Saint-Pierre não deixou de provocar certa influencia literária, disse d'elles: «Esta pastoral não se assemelha nem aos *Idilios* de Teócrito nem ás *Eclogas* de Virgilio, nem tam pouco ás grandes éneas rísticas de Hesiodo, de Homero e mesmo da Biblia; faz-nos, antes, evocar qualquer coisa de indefinível, como a parábola do Bom Pastor».

Mas o idílio dos dois enamorados é a certa altura interrompido por uma forçada viagem que Virginia tem de fazer á Europa. Paulo fica desolado por cruéis angustias a minar-lhe a alma. E, quando o barco que conduzia a sua bem amada estava á vista das terras de França, um medonho temporal arrojou-o e despedaçou-o de encontro aos rochedos.

Estas soberbas páginas de amor terminam pela morte da casta apaixonada e nada mais fica naquela garganta da montanha inhospita onde havia nascido uma felicidade de quieta harmonia, mais do que a dor verdadeira d'um apaixonado, as duas simples cabanas em ruínas, e um ancião amigo que, de lágrimas nos olhos contava — ou poderia contar — a triste desgraça destas duas crianças que muito se amaram com dulcíssimo amor.

Termina aqui o resumo entrecido do romance *Paulo e Virginia* mas havia apenso mais as seguintes notas, muito e d'ativas e que igualmente transcreveremos:

Madame de Necker (Susana) — Tornou-se célebre pelo seu espirito muitissimo culto e ainda pelas inequívocas demonstrações da sua caridade.

Era esposa do grande financeiro Jacques Necker que chegou a ser ministro, o qual tinha justa reputação de probidade e, quando no poder, tentou realizar reformas úteis ao seu país, a França. Madame de Necker foi mãe da que mais tarde se chamou Madame de Staël.

(Continua)

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone 81 329

CONSULTAS pelo Ex.^{mos} Srs. Drs.

Carrilho Xavier

Todos os dias
das 11 horas

Pedro de Faria

3.^{as}, 5.^{as} e sábados
das 9 hias

Medina de Sousa

Todos os dias
das 18 horas

VIRGINIA DE SOUSA

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica — Lisboa
Chamada a agentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente feita de todo o recetudrio aviado
nesta farmácia, pode ser feita por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS A ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

Favorita Ajudense

DE
J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retroeiro, Rouparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCINAS—OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE 81456

Nova Padaria Taboense

DE
ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico
para verem as suas condições hygienicas

R. das Maréas, 118 a 128—SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. 81656—AJUDA—LISBOA

CONFISSÃO E HOMENAGEM

Nunca fui a Sagres — confesso-o! Dêste crime me penitencio, na certeza de que, dentro de alguns dias, de alma aberta às emoções, cérebro fechado a tudo quanto não seja a elevação dum Homem, irei pisar religiosamente alguns pedaços de terra sagrada; pedaços de terra onde o nosso Espírito indiferente, por algumas horas, ao tumultuar brutal do materialismo que vai pelo Mundo, encontrará vestígios inapagáveis adentro da nossa sensibilidade de bons portugueses e desinteressados patriotas, das passadas ora leves, ora pesadas, consoante o estado de concentração, do gigante propulsor das Navegações e Descobrimentos — esse homem que se chamon Infante D. Henrique e foi o mais desinteressado doador de todo o nosso patrimônio colonial e o mais acérrimo defensor dos estudos nauticos!

E' acerca do Infante de Sagres que, espontaneamente, despidos evidentemente de qualquer intuito investigador no campo histórico, vimos dizer algumas palavras, também em obediência, acima de tudo, aos nossos deveres, nunca regateados, de fervorosos patriotas!

Obedecer à Consciência, à chamada *essência permanente*, no dizer de Platão, tem sido sempre apanágio do nosso carácter, cuja cimentação se acha formada com os blocos da Sinceridade e Lealdade!

Cumprimos, portanto, e de bom grado, o mais sagrado dos deveres: — fazer Justiça, a mais merecida Justiça e tanto mais que as breves palavras que ides lêr as fômos buscar ao coração, como preito sincero de devotada admiração e reconhecimento pelo Infante de Sagres!

Há dias, num momento de intensa saudade pelo que fômos nas épocas remotas de Glória, sem que *esse pungir acêrbo* revelasse a hipertrofia da nossa vontade, sem que o prazer-doloroso das recordações que nos buscaram contivesse a mínima parcela do recheio dessa *apagada e vil tristeza*, fômos, de manhã cedo, numa manhã enevoadada, junto da secular Torre de Belém — essa maravilha arquitetónica, simples e atraente!

Subimos as velhas escadadas cujos degraus polidos pelo arrastar dos pés que por lá têm passado revelam cansaço, mas jámais fraqueza, e, lentamente, observando todos aqueles pedaços de pedra, ao passar, de quando em quando, ao de leve, as nossas mãos quentes pelas paredes frias e húmidas, íamos pensando, sem cessar, na razão pro-

funda do nosso passado glorioso, nas bases do nosso futuro admirável, como esteio do nosso presente consolador!

Já perto do velhinho farol, de formas elegantes, abandonado, durante o dia, olhámos o formoso Tejo que corria revoltado, espumando qual cavalo de raça, na mais doida correria, a avançar, sem receio, confiante no seu valôr indiscutível!

Contra a velhinha Torre, mas de recordações sempre novas, as águas vinham bater, sem socêgo, em destemida fúria, desfazendo-se em pedaços da mais fina e nivea gase que vem beijar a areia que as esperava já — que esperava de braços estendidos, os beijos sôfregos daquele amante brutal; que esperava o amor insatisfeito dum insatisfeito, os abraços fugidios e os desejos imorredouros dessa adoração impaciente, raramente carinhosa!

Lá longe, a meio do rio, os barquitos de velitas brancas ou amarelcidas pelo Tempo, debatiam-se aflictivamente, nas ondas alterosas do Tejo revoltado, doloridos por tanto queixume, esfacelados por tanta e tão violenta chicotada! Impávidos, a princípio, sem nada temer, à força do habito, nem o vento que uivava furiosamente, nem a chuva que caía intensamente, os pobres pescadores redobravam de gestos, de rostos alagados pelo suor e pela chuva, numa mistura dolorosa; depois as lágrimas escorriam dos olhos brilhantes pela febre do desespero, que êles limpavam com as mangas grosseiras dos fatos envelhecidos.

Agarrados desesperadamente aos lemes que rangiam, esforçavam-se por governar as *casquinhas de noz*, cujos remos, balouçando nas bordas ásperas e já gastas, pareciam apenas momentâneo meio de socorro, se acaso os lemes não resistissem à violencia do mar — esse gigante que chora e geme, suplica e desdenha, blasfema e ri, ri diabólicamente!

O Mar levantava-se assustadoramente, as cristas das suas ondas pareciam querer levar ao céu, a Deus, a expressão cruel duma cruel revolta há muito refreada — gritos indescritíveis dum abandonado ao seu destino, dores que não morrem adentro do seu seio vasto e profundo — torturas em explosão!

Os barquitos pareciam folhas soltas à mercê do vento que soprava rijamente; quasi despedaçados já, velas esburacadas, lemes partidos, remos abandonados ao sabor das águas envolventes, nada tinha sido evi-

tado, apesar dos titânicos esforços dos pescadores que ora gesticulavam, ora rezavam, de joelhos, olhos fixos no céu, pedindo a Deus amparo para tanta desgraça, esteio para tanta fragilidade e aflicção.

Como desejámos, nêsse momento involvidável, possuir a Arte estupenda do mais completo pintor, para dar na tela a imagem mais fiel da belêsa no sofrimento, da dor na perfeição dos gestos espontâneos, braços estendidos a implorar misericórdia!

Mas Deus, lá no cimo da sua Grandeza e Onipotência, parecia não ouvir as preces calorosas dos pescadores aflitos, como que para ver até que ponto a Fé de seus filhos mais dilectos era sincera ou então unicamente filha do Desespêro!

Mas não! Não podia ser! A Fé brotava espontânea na dor ou na Alegria; fazia-os chorar de máguo ou satisfação; impelia-os a ajoelhar tanto nos momentos de felicidade como dos de desventura — pobres de Cristo a esmolar de Deus um pouco de protecção!

(Continua)

Manuel Marques Gastão.

EXCURSÃO

A realizar em 11, 12 e 13 de Julho de 1937, promovida pelo nosso quinzenário, visitando:

Vila Franca de Xira, Santarém, Torres Novas, Abrantes, Castelo Branco, Covilhã, Manteigas, Gouveia, Seia, Oliveira do Hospital, Santa Comba Dão, Luso, Buçaco, Penacova, Coimbra, Lousã, Pedrogão Grande, Tomar, Fátima, Batalha, Alcobça, Nazaréth, S. Martinho do Porto, Caldas da Rainha, Praia de Santa Cruz e Mafra.

Preço da passagem, em magnificos auto-carros: 150\$00.

A inscrição encontra-se aberta até ao dia 30 do corrente, na

Gráfica Ajudense, Limitada

Calçada da Ajuda 176 Telefone 81757



VINHOS DE CHELEIROS

MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região, encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109-117
Rua da Junqueira, 293 B-293 D
Rua Leão de Oliveira, 36-38
Largo 20 de Abril (Calvario), 1

Calçada da Ajuda, 95-97
Calçada da Ajuda, 154-156
Calçada da Ajuda, 212-216
Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone 81551

LISBOA

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de ferragens
para fornos de padarias, do mais moderno sistema
e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE 81367

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE 81056

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE 81520

O eterno sonho

(Continuado da página 4)

terra dar alimento a outras vidas que desabrocham. Pouco importa que me acoimem de cruel; cumpro assim a missão que o Criador me impôs. Aqueles que sobrevivem a esse período, quando desperta a consciência e a vontade se afirma, acordo-lhes os sentidos, acendo-lhes o desejo de sensações novas e desconhecidas, arrastando-os para a vertigem do prazer, e quantas vezes os desvarios a que os induzo lhe lança nas veias o fatal veneno que a tantos mina e desfigura, tornando-os ainda algozes dos próprios entes degenerados a quem mais tarde dão a vida. Aqui tens como no mundo, em todos a minha garra se faz sentir. Se atingem a velhice, heis-de vê-los, apagadas pouco a pouco aquelas qualidades que outrora os distinguiram, cair no entorpecimento, na dor contínua e torturante, sem vigor, sem memória, sem alegria, tristes farrapos humanos que a sepultura reclama. E sonham em liberdades, aspiram à independência estes escravos da minha soberana vontade!... A lágrima que se lhes solta dos olhos no último momento da vida, é a lágrima do desengano, da ilusão desfeita. Só o espírito do homem, por ser emanção divina, escapa ao meu poder; mas esse mesmo, apertado às vezes na carne corrompida que o envolve, se torna tão material como a própria matéria. Ocasões há em que as criaturas humanas têm a veleidade de dominar-me, quando afinal apenas conseguem desvendar alguns dos meus segredos, adaptar a minha força às suas obras, acabando muitas vezes por serem victimados pelo próprio esforço. Não, não, ao meu império ninguém se furta!... Sou a mais bela rainha, mas também a mais cruel, porque jamais serão revogadas as leis que ditei ao mundo. Todos vós que julgais poder escalar o infinito em vôo independente e livre, sois os meus escravos miseráveis, cuja grilheta nunca será quebrada!

A's últimas palavras desta arenga tão impregnada de vaidade e soberba, dissipou-se o torpor que me invadira. Um violento estremeção agitou todo o meu ser, e levantei-me bruscamente, resolutos e alucinados, de punhos cerrados, como pretendendo castigar a ousadia de quem procurava desfazer os mais belos sonhos da humanidade, e reduzi-la a uma situação humilhante e miserável. Mas a figura dominadora

Ao nascer do Sol

Ó minha linda amante, ó feiticeira
D'olhos profundos onde a sombra mora,
Deixa o teu leito, excelsa prisioneira,
E vem comigo ver romper o aurora.

Anda comigo beber o sol doirado
Na saeratíssima bençã da manhã,
Anda lavar a alma do pecado,
Anda ungir-te de luz, ó minha irmã.

P'ra as bandas do oriente,
Não vês além como uns clarões vermelhos?
E' a aurora que chega, é o sol nascente
Rezando de joelhos.

Repara: as rosas,
Presentindo já um hálito da vida,
Abrem sorrindo as pétalas mimosas.
Na entrega heróica d'uma alma ungida.

Numa preguiça mole,
Vês o rubro que ao longe se descerra?
E' a bôca do sol
Beijando a bôca à terra.

Tudo é penumbra ainda, lusco-fusco
Inglório e dealbante
Que espera em febre, e, dum momento brusco
Salta num grito e vai beijar a amante.

No ar palpitam já
As almas vegetais,
Almas gentis, em reza, ao Deus dará,
Em sagradas volúpias nupciais.

Aragens passam acordando os ninhos
Macios como beijos
Desperta a sombra e fuge dos caminhos
Soltando ainda os últimos bocejos

Anda ver a manhã,
Cenário que há tanto tempo perdes,
Anda sentir esta alegria sã
Que teem os melros e as fôlhas verdes.

Abre os olhos pasmados de sonhar
A tôda a santa criação da luz...
Neste fulgente e magestoso altar
Nada recorda a sombra duma cruz.

Anda comigo ó doida Margarida,
Vamos cheirar a terra,
Sondar no lírio a concepção da vida,
Sondar a urze que floresce a serra.

e ativa desapareceu num relance, e os meus olhares caíram de novo sobre a gaiola pintalgada, onde o desgraçado grilo continuava numa obstinação de loucura a roer as grades fatais. Pobre condenado, que, neste rápido declinar para o outono, a morte já espregueira, sem que tenha conseguido o seu ideal.

A morte!... Mistério que alguns supõem ser, depois de tantos infortúnios que nos esmagam durante a viagem terrena, a mais horrenda e tenebrosa clausura, mas em que as almas serenas e límpidas fundam aquela doce e risonha esperança onde descobrem a visão duma liberdade gloriosa e eterna.

Alfredo Gameiro.

Que lei profunda faz nascer a água
Da rocha bruta e fria? ..
Vem perguntar que pensará da máguia
A viva cotovia.

Vem ver o sol nascer
Vem encharcar-te no seu tom vermelho,
Vem lêr a Bíblia, vem, vem aprender
O único Evangelho.

O céu aclara-se, o azul profundo
Põe já tónicas de gaze nas montanhas,
Há um grito sagrado em todo o mundo: —
— Milhões de partos a rasgar entranhas.

Vem assistir à doida bacanal,
A' bacanal de luz incendiada...
A terra é a vasta, a imensa catedral
Onde nasce a alvorada.

A vida, amôr, não se resume apenas
No longo beijo que adormece e acalma,
Na vida há coisas muito mais serenas: —
— Horas paradas escutando a alma.

A alma sim, a alma que não vês,
Alma das giestas e dos passarinhos,
Alma que existe em tudo e em nós, talvez,
Alma que embala os astros e os ninhos.

Já algum dia olhaste
A pétala da rosa?
Pois a frescura que lhe vem da haste
Tem a benzê-la a alma luminosa.

Alma líquida dos córregos, dos rios,
Alma plástica dos beijos primitivos,
Na terra não há óculos vazios,
A própria seiva tem ovários vivos.

E' seiva, é alma, é luz, é alvorada,
E' génesis, é vida,
E' tudo, amor, parecendo quasi nada,
Beijo pairando numa bôca ungida.

Vem vêr o sol, no rubro d'uma aurora,
Há tanto sangue a dar-se num afago,
Que a própria terra ardente e criadora
Se entreabre em festa p'ra a beber dum trago.

Húmus sagrado,
Semen da vida, creador, fecundo,
E' no teu beijo heróico e meditado
Que se encendeia e reproduz o mundo.

Vem vêr a aurora, debruçar-te lenta
Sobre a paisagem do oriente a arder...
Vês? Cai do céu uma poeira benta
Para ajudar os lírios a nascer.

A pedra bruta, o castanheiro atleta,
A herva humilde, o próprio mar gigante,
Teem a mesma inspiração inquieta: —
— Beber do sol o beijo triunfante.

Anda também. Iremos lentamente
De mãos dadas por entre os milheirais,
Tu levando na bôca um beijo quente
E puro como as seivas matinais.

Iremos acordar a passarada
E as fontes escondidas...
Abrem-se já as janelas da alvorada
Que veem dar vida a mil milhões de vidas.

Não percas o cenário,
Deixa a fôfeza estreita do teu leito...
.....

O sol é hóstia viva do sacramento
Que em miniatura tens a arder no peito.

Lisboa, Maio de 1937.

Soares Cruz.

AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos telhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}
Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

Outro melhoramento que se impõe

(Continuado da página 1)

Reduz-se a isto:

Que se comece a reparar em que a área da antiga freguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Belém, extra-muros de Lisboa, também é habitada por gente civilizada e que paga suas contribuições tam pontualmente (e talvez tam quantiosamente) como a do coração da capital.

Para que V. Ex.^{as} possam, num relance, compenetrar-se da justiça que assiste aos moradores destes lados, onde ainda todas as manhãs a carroça das imundícies faz seu giro na recolha dos despejos caseiros, não têm que andar muito.

Basta que vão além, desçam a Travessa da Ajuda e tomem pelo carril que acurta o caminho para o Cruzeiro.

Quando chegarem ao meio, dêem-se ao incómodo de parar.

Então aspirem bem aquele cheiro nauseabundo, virifiquem com seus próprios olhos como tudo aquilo é nojento e impróprio de vila de quarta ordem, quanto mais da capital, e ainda por cima a dois passos do Palácio onde o Chefe do Estado dá suas festas.

Pois está assim há cento e cinquenta anos.

Já era aspiração antiga quando foi da extinção do concelho de Belém e a área de Lisboa galgou por aí fora até Algés.

Tende a bondade de dar ouvidos a meu apêlo e ide lá ver o que vos aponte, porque estou certo de que, na primeira reunião que efectuardes haveis de tomar providências para que o ponto final naquela vergonha seja um facto.

... E ficai seguros, zelosos vereadores do Senado da Câmara que, se o fizerdes, bem merecereis de todos os habitantes destes lados, os quais, tenham os defeitos que tiverem, nunca puderam ser acusados

de enfermar de um, aliás vulgaríssimo — o da ingratidão».

Levantou-se então o Ex.^{mo} Sr. tenente-coronel Pereira Coelho, Presidente da Mesa, para agradecer, em nome da Câmara Municipal o belo estudo do conferente, prometendo envidar os seus esforços para que fôsse atendido o seu alvitre e o seu apêlo.

Porque já lá vai quasi ano e meio, após essa promessa sem que vejamos qualquer coisa que indique início de realização dêsses melhoramentos, e porque nos quer parecer que se começa a olhar com olhos de ver para esta linda mas muito esquecida freguesia, — a colocação que se está fazendo de tubagem, para condução de água, até o alto da Ajuda, a maior aspiração deste povo, indica-nos isso, — nós vimos pedir que se dê cumprimento ao apêlo feito pelo Ex.^{mo} Sr. Sampayo Ribeiro, que é cobrir o cano de esgôto que vai da Sacôta ao Rio Sêco, poucas dezenas de metros, completando assim a obra de hygiene que se propõem efectuar, e porque, como muito bem disse o ilustre conferente, os habitantes da Ajuda tenham os defeitos que tiverem, não podem ser acoimados de ingratidão.

O alvitre — o *Miradoiro* — virá depois — esperemos pela queda de 106 desajeitados e meio-apodrecidos pinheiros que ali restam.

Há mais colectores a construir no Casalinho, no Camarão, e em Cazelas, mas êste do Rio Sêco, pela posição em que se encontra, rodeado de habitações e dificultando o trânsito, suplanta a todos os outros e depois... há 46 anos que está projectado!

Terminamos, fazendo votos pela sua breve realização.

Francisco Duarte Resina.

Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento
Bilhetes postais ilustrados desde \$50
C. da Ajuda, 176 — Telef. 81775

GEWIROL

é a marca da magnífica máquina
fotográfica que a

Gráfica Ajudense, L.^{da}

Calcada da Ajuda, 176, vende em
prestações de 7\$50 semanais
com bonus

Vendem-se películas e outros artigos
fotográficos e aceitam-se trabalhos
de amadores

Casa Belmira

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
A PREÇOS BARATÍSSIMOS

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas
novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras
Grande sortido em flôres artificiais

Rua Coronel Pereira da Silva, 15
(Bairro Económico da Ajuda)

RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais
de 5\$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreeva-se desde já na

RELOJOARIA

DE

Albano Machado

C. da Ajuda, 162 - Telef. 81 236

LISBOA